

Amor que não é esquecido

Mesmo depois de 13 anos de diagnóstico, de perder a autonomia e a independência e estar em uma fase um pouco mais avançada da doença, o jornalista, chargista, mosaicista e artista plástico Henrique Goulart Gonzaga Júnior, mais conhecido como Gougon, 75, cumprimenta a mulher, Brígida Tameirão, dentista aposentada, 65, com um carinhoso beijo na boca.

“Ele não me reconhece o tempo todo, mas compreende que temos um laço especial. Apesar de afetuoso com as enfermeiras e cuidadoras, ele sabe que o beijo na boca é só comigo, e eu vejo o brilho nos olhos dele. Ele me vê, sorri e já pede beijo na boca”, conta Brígida.

Para ela, enxergar Gougon como o seu amado e não somente como um paciente é o seu parâmetro para tomar as decisões pelo marido — o que ela classifica como uma tarefa difícil, principalmente nos primeiros anos após o diagnóstico.

Casados há 25 anos, Brígida afirma que o bem-estar emocional do marido é a prioridade, ao lado da saúde física. Aprendendo com a própria experiência, com o auxílio da terapia e dos grupos de apoio, ela percebe que quando Gougon está feliz, tudo é mais fácil para todos, inclusive para a equipe multidisciplinar que o acompanha.

Há quatro anos, Gougon precisou parar de beber a taça de vinho que tomava diariamente e abrir mão do sorvete por causa da glicose elevada. Brígida substituiu por uma gelatina que ele gosta. “Ele amava vinho tinto, aquela tacinha era o momento feliz do dia dele. É fundamental entender que, ali, ainda existe uma pessoa que tem desejos, e respeitá-los na medida do possível.”

Para ela, compreender os desejos da pessoa que está sendo cuidada é tão importante quanto suprir as necessidades. Brígida ressalta que, não basta sobreviver, é importante viver e, ao conhecer o

paciente, bem é possível encontrar alternativas de dar prazer e mostrar que a felicidade pode ser alcançada.

Quando ainda estava lúcido, Gougon sofria ao perceber que seu cérebro já não funcionava como antes e tinha momentos de confusão, nos quais Brígida o acalmava dizendo que ele estava sendo tratado e tudo ficaria bem. Ela explica que dizer a verdade e causar a ele uma intensa angústia por uma informação que ele ia esquecer não valia a pena.

Brígida também continuou estimulando o lado artístico do amado. Em 2013, Gougon publicou um livro de charges. Ele continuou desenhando até 2018, trocou o lápis por giz de cera e, assim, junto com a criação de mosaicos, estimulava a mente e se distraía.

Saber aproveitar

Quatro anos antes de receber o diagnóstico oficial, Brígida percebeu o que estava acontecendo. Diversos médicos disseram que ainda não podiam afirmar, mas o mais provável era que Gougon estivesse nos estágios iniciais do Alzheimer. A dentista resolveu que não perderia tempo, aposentou-se para passar todos os dias com Gougon. “Eu queria usufruir da vida com ele, aproveitar e fazer tudo o que podíamos porque poderia ser inviável depois”, conta.

O casal viajou e realizou o sonho de conhecer diversos lugares no mundo. Os dois dançavam todos os dias, até quatro anos atrás, quando Gougon precisou da cadeira de rodas. Antes da pandemia, o casal ia almoçar fora e ouvir chorinho todos os domingos. Hoje, além de todos os cuidados médicos e terapias, Brígida busca alternativas para ver Gougon sorrir, e afirma que mais importante do que quantidade é a qualidade. “É mais importante viver bem do que viver muito.”

Quando Gougon recebeu o diagnóstico, ele e a mulher, Brígida Tameirão, aproveitaram cada momento de lucidez

